



“Ou toca, ou não toca.” Práticas tecnodiscursivas em torno de Alejandra Pizarnik e Clarice Lispector: arquivos afetivos, performances políticas e genealogias feministas

"Either it touches, or it doesn't." Techno-discursive practices around Alejandra Pizarnik and Clarice Lispector: affective archives, political performances and feminist genealogies

Alejandra Josiowicz¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
alejandra.josiowicz@uerj.br

Gabrielle de Oliveira Sá²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
sa.gabioliveira@gmail.com

Milene Santos Couto³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
milene_couto@hotmail.com

Ana Clara Ozório Moraes⁴

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
claraozorio4@gmail.com

¹ **Alejandra Josiowicz** é Professora Adjunta no Departamento de Letras Neolatinas (LNEO) do Instituto de Letras (ILE) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professora efetiva no Programa de Pós-graduação em Letras (área de Linguística) do ILE/UERJ. Seu projeto OBSERVATÓRIO DAS MULHERES LATINO-AMERICANAS NO TWITTER tem financiamento APQ1 da FAPERJ, Bolsa Prociência (UERJ-FAPERJ) 2021-2024 e Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ).

² **Gabrielle de Oliveira Sá** é Graduanda em Letras (Português/Espanhol e Literaturas) na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e integrante do projeto de pesquisa Observatório das intelectuais mulheres hispano-americanas em plataformas digitais da UERJ.

³ **Milene Santos Couto** é Graduanda em Letras (Português/Italiano e Literaturas) na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), pós-graduada em Tradução na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e integrante do projeto de pesquisa Observatório das intelectuais mulheres hispano-americanas em plataformas digitais da UERJ.

⁴ **Ana Clara Ozório Moraes** é Graduanda em Letras (Português e Literaturas) na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e integrante do projeto de pesquisa Observatório das intelectuais mulheres hispano-americanas em plataformas digitais da UERJ.

Resumo: Este trabalho analisa práticas discursivas digitais sobre Alejandra Pizarnik e Clarice Lispector no Twitter entre 2018 e 2022 utilizando a perspectiva teórica das Humanidades Digitais decoloniais e feministas na América Latina e do feminismo de dados. Emprega processamento computacional para captar, compor e processar grandes massas de tweets que referenciam as autoras. Partindo da Análise do Discurso Digital e do Estudo dos Afetos, considera as práticas de citação, nomeação e referenciação de Pizarnik e Lispector no Twitter como performances tecnodiscursivas capazes de construir laços afetivos, de compreensão e constituir comunidades no Twitter. Argumenta-se que essas performances possuem três funções fundamentais: criar coletividades feministas, genealogias e memória discursiva, formando sororidades e dororidades; explorar o afeto como forma de exploração da subjetividade marcada pela falta e pela possibilidade de afetar e ser afetado; e mobilizar sentidos políticos que repolitizam o afeto e a emoção, adquirindo força na vida pública.

Palavras-chave: Afeto — Alejandra Pizarnik — Clarice Lispector — Discurso Digital — Feminismo

Abstract: This paper analyzes digital discursive practices around Alejandra Pizarnik and Clarice Lispector on Twitter between 2018 and 2022, employing the theoretical perspective of decolonial and feminist Digital Humanities in Latin America, as well as data feminism. It utilizes computational processing tools to capture, compose, and process extensive masses of tweets that reference the authors. It is based on Digital Discourse Analysis and Affect Studies, it considers Twitter practices of quoting, naming, and referencing Pizarnik and Lispector as techno-discursive performances capable of building affective bonds, understanding, and constituting communities on Twitter. The paper argues that these performances have three fundamental functions: to create feminist collectives, genealogies, and discursive memory, forming sororities and *dororidades*; to explore affect as a way of exploring subjectivity marked by absence and the potential to affect and be affected; and to mobilize political meanings that repoliticize affect and emotion, gaining strength in public life.

Keywords: Affect — Alejandra Pizarnik — Clarice Lispector — Digital Discourse — Feminism

Introdução

O presente trabalho analisa práticas discursivas digitais em torno de Alejandra Pizarnik e Clarice Lispector no Twitter, pensadas como arquivos digitais feministas, capazes de mobilizar performances afetivas. O trabalho propõe reapropriar ferramentas computacionais de análise e pesquisa, combinando o qualitativo e o quantitativo na direção de uma agenda feminista e decolonial (Ricaurte; Zasso *Inteligencia Artificial Feminista*; D'Ignazio; Klein *Data Feminism*). As práticas discursivas digitais em torno de Pizarnik e Lispector são capazes de ativar performances afetivas, empáticas repolitizando a palavra literária. Citar as palavras, os nomes, as trajetórias e as experiências de Lispector e Pizarnik no Twitter aponta para performances tecnodiscursivas que criam um sentido de sororidade, de pertencimento a uma coletividade feminista, e constrói laços – imaginários e não tanto – de afeto. Esses tecnodiscursos possuem marcas do corpo e produzem matrizes sensíveis e sensoriais: são performances pelas quais o discurso digital constrói e afeta os corpos, através do toque, do choro, do desejo, do prazer e, por isso, subvertem modelos corporais e estéticos heteronormativos. As práticas discursivas digitais sobre Pizarnik e Lispector repolitizam o íntimo e o afetivo, através de formas de circulação do poder pelo sentir, como formas políticas do ser que se produzem nas relações e discursos afetivos com e sobre essas escritoras (Pedwell; Whitehead “Affecting feminism”). Essas performances tecnodiscursivas dos afetos propõem repensar o feminismo através do traçado de genealogias e a criação de arquivos digitais emocionais, que dão às mulheres e às pessoas LGBTQIA+ palavras para nomear a dor, a compulsão, o desejo, os prazeres (sexuais, orais, físicos) que não se adequam aos ideais heteronormativos e aos modelos de feminidade convencional. Através da leitura, citação e circulação dos nomes das escritoras, as performances tecnodiscursivas analisadas constroem um nós, uma coletividade afetiva, ao mesmo tempo que permitem repensar o feminismo

como um arquivo emocional de experiências, assim como uma memória. As performances tecnodiscursivas em torno de Lispector e Pizarnik tornam-se, dessa forma, modos de autocuidado, formas terapêuticas, capazes de elicitar e processar emoções e experiências marcadas pela dor e pelo sofrimento físico e emocional, assim como estados de encantamento, permitindo explorações do eu, da relação com o corpo e com a sexualidade.

Através da análise das práticas discursivas digitais que citam e referenciam Lispector e Pizarnik no Twitter entre 2018 e 2022, argumentamos que as performances afetivas funcionam de três modos fundamentais: por um lado, constroem vínculos empáticos entre as leitoras, como sororidades e dororidades, criam coletividades feministas, genealogias e uma memória: reconhecem a dívida com as mulheres do passado e as conectam com o presente, as ativam, as tornam núcleos de uma nova coletividade. Em segundo lugar, fazem da emoção uma forma de investigação da subjetividade como marcada pela falta e a mutilação, pela possibilidade de afetar e ser afetado, pela dor, pelo desejo, pelo prazer (sexual, físico, oral), subvertendo ou tensionando os ideais heteronormativos e os modelos da feminidade convencional. Em terceiro lugar, mobilizam sentidos políticos pelos quais o afeto, a emoção, o cotidiano e o doméstico adquirem força e potência na vida pública, como formas de resistência diante do autoritarismo e dos modos heteronormativos de pensar a sexualidade e o desejo.

O artigo se divide em três partes. A primeira parte é uma breve introdução, seguida de uma segunda parte, na qual avançamos em um marco teórico-metodológico para a análise do arquivo digital afetivo em torno de Clarice Lispector e Alejandra Pizarnik. Em terceiro lugar, apresentamos a



metodologia utilizada e analisamos as práticas discursivas que compõem o arquivo afetivo, através dos três tópicos anteriormente mencionados.

Práticas tecnodiscursivas, performances e arquivos afetivos feministas a partir de Alejandra Pizarnik e Clarice Lispector

O trabalho mobiliza a perspectiva teórica das Humanidades Digitais decoloniais e feministas na América Latina, as quais exploram grandes sistemas de produção cultural e utilizam métodos experimentais e padrões abstratos vindos das ciências computacionais, mas questionam a neutralidade e universalidade do sujeito das Humanidades Digitais, assim como a reprodução de epistemologias e padrões dominantes (Ricaurte; Chaudhuri; Fiormonte *Global Debates in the Digital Humanities*; Risam *New Digital Worlds*; Milan et al “Datafication from Below”). Retomamos o marco teórico das Humanidades Digitais feministas, do feminismo de dados e do feminismo digital, os quais pensam os dados, os ambientes digitais e os métodos de pesquisa considerando desigualdades de poder em relação a gênero, raça e etnicidade na tecnologia, e apontando para o sexismo, o racismo e o colonialismo que informam as plataformas digitais (D’Ignazio; Klein *Data Feminism*; Bailey “#transform(ing)DH Writing and Research”; Benjamin *Race After Technology*).

Partimos da Análise do Discurso Digital, e consideramos as práticas discursivas digitais (ou práticas tecnodiscursivas) na sua performatividade, isto é, não como representações do mundo, mas como formas de intervir nele, modos de co-construí-lo e co-constituí-lo (Rocha “Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade”; Deusdará; Arantes; Eduardo “A ação pela palavra em notícias de telejornal”). As práticas de citação, nomeação e acumulação de listas de nomes em torno de Clarice Lispector e Alejandra Pizarnik funcionam como “performances

tecnodiscursivas” (Brock *Distributed Blackness*), construindo laços, comunidades de leitura, formas de subjetivação, e causando um efeito de memória discursiva (Lourenço Costa; Baronas).

O trabalho forma parte do projeto Observatório das Mulheres latino-americanas em plataformas Digitais, que propõe a criação de arquivos digitais em torno de intelectuais mulheres na América Latina para a coleta, preservação e uso ético de conteúdo de diferentes plataformas digitais (Josiowicz “Humanidades Digitais e Leitura no Twitter”; Josiowicz “Eva Perón e Jorge Luis Borges, peronismo e anti-peronismo em tempos de pandemia”; Josiowicz “Naming Performativity on Twitter”). Utiliza e desenvolve metodologias e métodos quantitativos de captação e composição de grandes massas de *corpus* digitais em espanhol e português, analisando dados, metadados e estruturando os textos a partir de técnicas de modelagem de tópicos. O projeto se constrói em parceria com Documenting the Now (www.docnow.io), o qual responde ao uso histórico do Twitter no ativismo social e tem como objetivo a organização de acervos nos quais esses dados possam ser coletados e analisados, de forma que considere as necessidades éticas (Summers “Introducing Documenting the Now”; Jules; Summers; Mitchell *Ethical Considerations for Archiving Social Media Content*). No caso específico da criação de acervos a partir de conteúdos advindos de plataformas digitais, marcadas pelo sexismo, racismo e colonialismo que são partes intrínsecas de sua arquitetura e da linguagem dos algoritmos, é importante ressaltar que não há neutralidade nem objetividade nas iniciativas de armazenar, interpretar e gerir o social a partir de dados estruturados (Ricaurte; Zasso *Inteligencia Artificial Feminista*; D’Ignazio; Klein *Data Feminism*). Justamente por isso, o projeto de criação de um arquivo digital afetivo em torno das intelectuais mulheres propõe mobilizar o quantificável para reclamar as histórias invisibilizadas das comunidades de mulheres leitoras na América Latina.

Nos últimos anos, uma série de estudos vêm mapeando a emergência e explosão de feminismos interseccionais e LGBTQIA+ na América Latina, capazes de desenvolver formas de resistência às hierarquias raciais, étnicas, de gênero, linguísticas e geopolíticas próprias das plataformas (Bailey “#transform(ing)DH Writing and Research”; Josiowicz “Naming Performativity on Twitter”; Friedman *Interpreting the Internet*; Fuentes “Ni una Menos”; Lourenço Costa; Baronas *Feminismos em convergência*; Méndez “Operación Araña”). Se plataformas como Twitter permitiram macroagressões dirigidas a mulheres, sobretudo mulheres não brancas e pessoas LGBTQIA+, também ofereceram, pelo menos até 2022, um espaço catalisador de movimentos sociais feministas, como o #NiUnaMenos (Méndez “Operación Araña”), a circulação de performances em torno de #Unvioladorentucamino no Chile (Stevani Gisletti; Monteiro “El octubre chileno”) e as mobilizações em torno de #EleNão no Brasil.

No caso específico das práticas discursivas digitais em torno de Alejandra Pizarnik e Clarice Lispector, devemos considerar a relevância que nos últimos anos teve o afeto nos estudos feministas, os quais apontaram para a relação entre afeto e interpretação, para o papel do corpo nas práticas de leitura e para o modo como os textos performativizam diferentes tipos de emoções (Sedgwick *Touching Feeling*; Paasonen “Strange bedfellows”; Liljeström; Ahmed *The Cultural Politics of Emotion*). Estudos recentes vêm apontando para o fato de que a relação imaginária com mulheres históricas, e não só as relações físicas, síncronas e presenciais (vistas como mais “reais”), seriam capazes de constituir laços de sororidade entre mulheres: o ato de ler “textos companheiros” e imaginar permite construir laços afetivos, de ternura, compreensão e companhia com escritoras e intelectuais, o que tem consequências na construção das subjetividades de comunidades de mulheres leitoras diversas (Horzella “Imagined Sisterhoods”; Ahmed *Vivir una vida feminista*; Olave “Reading matters”). A entrada em contato com a

obra, a trajetória e a vida de intelectuais mulheres históricas oferece vocabulários, formas de experienciar a dor e o sofrimento, interpela às comunidades leitoras, constituindo e reconstituindo subjetividades, ativando memórias corporais, históricas e sociais e afinidades íntimas. Esses “textos companheiros” (Ahmed *Vivir una vida feminista* 48) funcionam como clássicos feministas, permitem construir vocabulários compartilhados, são espaços de encontro, de vivência, de dúvida, sofrimento, angústia, questionamento, e são também formas de não estar mais sozinhas. Se tornam formas pelas quais as leitoras encontram companhia, estabelecem conexões, relações de cuidado e compartilhamento, constituindo arquivos frágeis, feitos a partir de sensações e experiências efêmeras, como o toque, o prazer, a forme, e fazem emergir corpos mutilados, imperfeitos, sofrentes (Ahmed *Vivir una vida feminista* 50). É importante nesse sentido o conceito de *dororidade*, criado por Vilma Piedade para substituir o termo *sororidade*, como uma aliança entre mulheres ligada ao sofrimento moral, físico, emocional (Piedade *Dororidade*).

As práticas de escrita-digital que analisamos envolvem os afetos, em processos de autodescobrimento, dor e sofrimento (Sedgwick *Touching Feeling*; Paasonen “Strange bedfellows”; Liljeström; Paasonen *Working with Affect in Feminist Readings*). Tanto Pizarnik quanto Lispector funcionam interpelando a leitora-escritora digital na sua corporalidade, na direção de experiências afetivas nas quais a interpretação e a sensação, o intelectual e o corporal, estão interligadas e apontam para um tipo de sensibilidade empática, que funciona como forma de cura ou autoajuda (Olave “Reading matters”). Essas práticas discursivas fazem do afeto uma potência, como possibilidade de afetar e ser afetado, corporificação, fazem emergir a emoção no discurso e apontam para a leitura em relação com a materialidade do corpo (Pedwell; Whitehead “Affecting feminism”). As emoções se tornam então performativas, no sentido de que as práticas digitais nomeiam e

performativizam o afeto, circulam e se pegam aos corpos e produzem efeitos (Ahmed *Vivir una vida feminista*) corporais e terapêuticos, como modos de resiliência, formas de lidar com a ansiedade e a depressão, formas de autocompreensão, de autocuidado (Olave “Reading matters”). São capazes de constituir e reconstituir subjetividades, motorizam a criação de laços afetivos, ajudam a lidar com diferentes tipos de experiências históricas e situações sociais, a explorar a própria sexualidade e a relação com o corpo.

As práticas discursivas digitais em torno de Alejandra Pizarnik e Clarice Lispector dão conta de um tipo de leitura que não pode ser pensada sem considerar o entorno digital como espaço de sociabilidade leitora, a disponibilidade dos textos eletrônicos em forma de *e-books* em *sites online*, e uma nova relação com a leitura, coletiva, espontânea e fragmentária, que incorpora outros materiais, como vídeos, imagens e hyperlinks (Chantier “Novas tecnologias e a história da cultura escrita”). O Twitter, especificamente, por seu caráter de microblog e sua microssintaxe enxuta (Van Dijck *The culture of connectivity*), informa uma prática digital que torna escrita e leitura indissociáveis e as faz fragmentárias, dispersas, em citações (às vezes não verificadas), através do compartilhamento de frases, da incorporação de vídeos, desenhos e fotografias, ligadas ao mundo das publicidades, ao mercado do livro, às editoras e a diferentes plataformas de compra e venda de livros.

A escolha de Alejandra Pizarnik e Clarice Lispector tem a ver com que são escritoras fundamentais para o cânone latino-americano, que emergem como clássicas feministas da América Latina. Nessas práticas de citação e nomeação surgem modos da subjetivação feminista contemporânea, em que a subjetividade do outro serve para expressar a própria e potencializar o autoconhecimento e a liberação do sujeito dentro e fora das plataformas digitais.

Metodologia e análise: performances digitais afetivas feministas em torno de Alejandra Pizarnik e Clarice Lispector

Para composição do *corpus* de pesquisa, foram coletadas as postagens no Twitter com a frase “Alejandra Pizarnik” em espanhol e “Clarice Lispector” em português no período entre dezembro de 2018 e dezembro de 2022. A escolha dessas línguas justifica-se porque são as mais utilizadas para postar mensagens sobre Pizarnik e Lispector no Twitter, dentro das línguas oficiais da América Latina que estão contempladas pela API da plataforma. É necessário esclarecer que não houve restrição de geolocalização nem de gênero das postagens (o que reduziria muito a quantidade dos resultados), devido ao qual nosso *corpus* contempla as postagens sobre as escritoras, de pessoas de gêneros, origens étnico-raciais e orientação sexual diversas nas populações hispanas e lusófonas no mundo inteiro. O reconhecimento de língua é feito de forma automatizada, de forma que muitas vezes aparecem palavras, termos e nomes de usuários não hispanos nem lusófonos no *corpus*, mas em tweets que são em sua totalidade ou em parte escritos em espanhol e português.

A extração foi feita utilizando a Busca Acadêmica do Twitter, que funcionou entre 2021 e 2022, a qual permitia coletar tweets em arco histórico, desde 2009 e até o presente, em múltiplas línguas. Coletamos tweets utilizando Twarc, um pacote de Python para coletar dados do Twitter desenvolvido por Documenting the Now (<https://github.com/DocNow/twarc>). Em espanhol sobre Pizarnik, coletamos 287.797 tweets e em português sobre Lispector coletamos 230.401 tweets.

Para o processamento, utilizamos métodos quantitativos e qualitativos em Wolfram Mathematica. Além desse software, utilizamos Pandas, uma biblioteca de Python que permite processar documentos de grande tamanho, através de Jupyter Notebooks (<https://jupyter.org/>). Agrupamos os tweets

de acordo com as hashtags mais frequentes; pesquisamos os nomes de usuários mais mencionados utilizando @ para identificar contas referenciadas e retuitadas. Posteriormente, construímos nuvens de palavras, de modo a cartografar visualmente os termos mais frequentes nos tweets sobre Alejandra Pizarnik em espanhol e Clarice Lispector em português.⁵

Seguindo considerações éticas de melhores práticas sugeridas em estudos das redes sociais e especificamente do Twitter (Jules; Summers; Mitchell *Ethical Considerations for Archiving Social Media Content*), protegemos a privacidade dos usuários não revelando nomes ou pseudônimos de contas individuais e evitando identificar usuários específicos. Além disso, não foram citados tweets inteiros individuais sem prévia autorização: no caso de referências à tweets, optamos por compartilhar os links dos tweets (Freelon; Mcilwain; Clark *Beyond the hashtags*).

1. As históricas encarnadas de Alejandra e Clarice

A figura 1 apresenta o fluxograma histórico de tweets entre dezembro de 2018 a dezembro 2022. Na tabela vemos que a circulação de tweets sobre Alejandra Pizarnik em espanhol foi ligeiramente maior ao de Lispector em

⁵ Para tanto, desenvolvemos os seguintes passos: 1. Codificação das palavras de acordo com termos considerados significativos para o corpus. 2. “Limpeza” de links, nomes de usuários e outros caracteres não alfanuméricos. 3. Eliminação de uma lista de *stopwords* (“palavras vazias”) em português e espanhol (frequentemente removidas no processamento computacional de texto em linguagem natural (disponíveis em <http://snowball.tartarus.org/algorithms/portuguese/stop.txt> e <http://snowball.tartarus.org/algorithms/spanish/stop.txt>). 4. Implementação de um algoritmo capaz de obter as raízes de palavras em português e espanhol (disponíveis em <http://snowball.tartarus.org/algorithms/portuguese/stemmer.html> e <http://snowball.tartarus.org/algorithms/spanish/stemmer.html>) a partir do qual criamos uma função capaz de obter o termo mais comum de uma classe de termos com a mesma raiz para cada língua. A seguir, agrupamos as palavras de acordo com a mais frequente da mesma raiz. Aplicamos então a regra de substituição de cada palavra pela mais frequente da mesma raiz ao nosso corpus de tweets nas diferentes línguas e formamos a nuvem de palavras, com os 400 termos mais frequentes nos tweets em cada língua.

português no período. Esse cenário se modifica, no entanto, nos últimos meses de cada ano, em que há um aumento considerável de tweets sobre Clarice devido ao fato de que os aniversários do nascimento (10/12/1920) e da morte da autora (09/12/1977), são ambos em dezembro, o que resulta em um aumento de menções durante esse período.

Sobre Clarice Lispector, em dezembro de 2020, houve um elevado índice de menções, ano em que se comemora o centenário da autora brasileira e no qual foram lançadas edições comemorativas de suas obras no Brasil e novas edições no exterior, o que explica o surgimento e circulação da hashtag #Clarice100anos. Por outro lado, nota-se um grande aumento de postagens sobre Lispector em relação com eventos políticos, sobretudo em 2022. Assim, a autora foi mobilizada, junto a outros escritores do Nordeste, para contestar falas xenofóbicas do ex-presidente Bolsonaro contra o povo nordestino⁶. Além disso, foi parafraseado, como simulacro de citação de Lispector, um trecho do seu livro *Perto do coração selvagem* (1943), para celebrar a derrota de Bolsonaro, com o texto: “JAIR EM DESESPERO é pouco. O que eu quero ainda não tem nome.” (Clarice Lispector)⁷. Finalmente, a autora foi referenciada em um jogo de palavras entre o título do livro *A hora da estrela* e estrela, símbolo do Partido dos Trabalhadores (PT), incluída em um emoji, para expressar apoio a Lula e aos candidatos do mencionado partido, com o texto: “É a hora da estrela. Que Clarice Lispector diga amém! ☆”⁸

⁶ Link: <https://twitter.com/Luiscampelo8/status/1578020090515050498>

⁷ Link: <https://twitter.com/francageorge/status/1585315246507315200>

⁸ Link: <https://twitter.com/douverbandos/status/1576271403791175680>

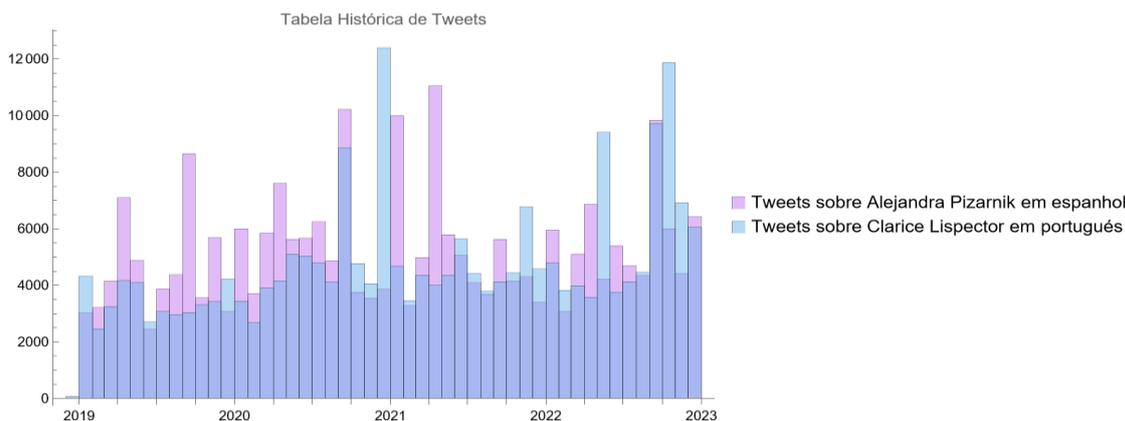


Figura 1 - Tabela histórica de tweets sobre Alejandra Pizarnik em espanhol e Clarice Lispector em português. Fonte: autoras e Wolfram Mathematica.

Em relação à Pizarnik, encontrou-se que as maiores incidências de tweets sobre a escritora correspondem aos meses de abril e setembro, datas de seu nascimento e morte, respectivamente, ocasião em que surgem hashtags como *#TalDíaComoHoy* e *#UnDíaComoHoy*. Sobressai a celebração do aniversário de sua morte em setembro e de seu nascimento em abril no ano de 2021, quando a autora completaria 85 anos. Em 2020, em meio ao período pandêmico, uma grande quantidade de tweets esteve relacionada com um evento que celebrava a poesia da escritora por streaming e que contou com a participação de renomadas atrizes argentinas: Cristina Banegas, Marilú Marini, Mirta Busnelli, Florencia Raggi, Valentina Bassi, Laura Grandinetti, Mónica Raiola e Heidi Fauth.⁹ Já em 2021, em um cenário de retomada das atividades pós-covid, houve uma grande quantidade de tweets que compartilharam uma citação de um fragmento do diário da poetisa que corresponde ao escrito do primeiro dia do ano de 1960 e apontava justamente para o desejo de uma vida corporizada, presente, tanto em relação ao nível subjetivo quanto ao nível coletivo¹⁰:

Que este año me sea dado vivir en mí y no fantasear ni ser otras,
que me sea dado ponerme buena y no buscar lo imposible sino la
magia y extrañeza de este mundo que habito. Que me sean dados

⁹ Link: <https://www.espectaculosdeaca.com.ar/las-lilas-el-silencio-y-la-noche/>

¹⁰ Link: <https://twitter.com/beatricearg/status/1609174727314243587>

los deseos de vivir y conocer el mundo. Que me sea dado el interesarme por este mundo (Pizarnik *Diarios* 228).

É possível notar, então, que Pizarnik e Lispector são mencionadas com mais frequência em um contexto de homenagens, dentre as quais as mais potentes são as datas de nascimento e falecimento de cada uma. Essas homenagens são parte de rituais genealógicos potentes, que trazem a herança das escritoras ao presente, de forma a conectar gerações de mulheres passadas e presentes, celebrar seu legado, visibilizar a sua importância e revivê-las, de alguma forma, na memória compartilhada dos leitores atuais. Isso torna-se evidente se observamos que o nome delas torna-se um catalisador de experiências ligadas a formas de resiliência, de viver-junto, formas de resistência, como a experiência da pandemia e a pós-pandemia, que estimulou reflexões sobre a vida e a morte, e o recomeço; e as resistências políticas diante do autoritarismo.

2. Genealogias coletivas, sororidades e dororidades no passado e no presente a partir de Pizarnik e Lispector

A seguir, desenvolvemos uma análise em torno das hashtags mais compartilhadas na comunidade leitora de Pizarnik e Lispector. A figura 2 mostra as hashtags mais frequentes em tweets sobre Lispector em português. Através das hashtags, o Twitter organiza as publicações em tópicos, criando canais que permitem a criação de comunidades de leitura com interesses compartilhados, a conexão e uma sensação de pertencimento entre os leitores e as leitoras. Hashtags como #ClariceLispector, #literatura, #LeiaClariceLispector, #livros, #poesia, #leiamulheres celebram e divulgam a obra de Lispector, estimulando a leitura de textos da autora. A hashtag #Leiamulheres foi mobilizada especialmente em tweets de comemoração do Dia Internacional da Mulher, incentivando a leitura e circulação de vozes femininas na literatura.

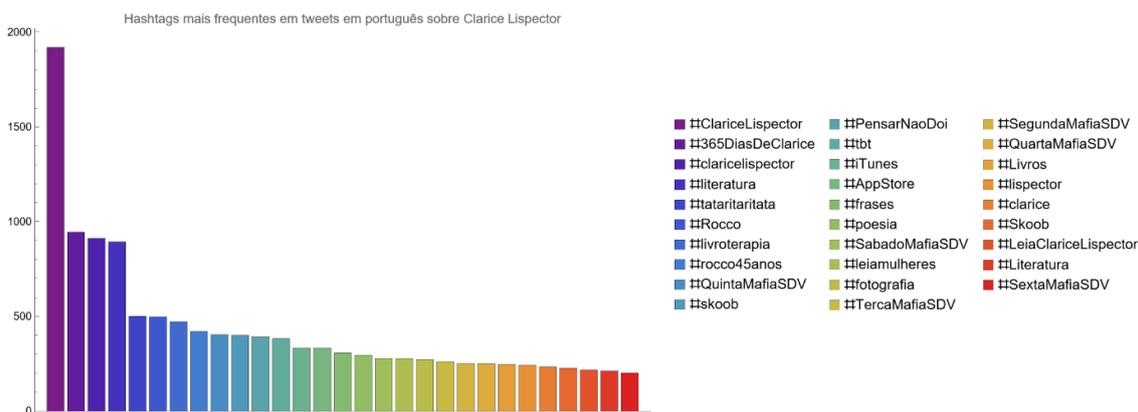


Figura 2 - Tabela com hashtags mais frequentes em tweets sobre Clarice Lispector em português. Fonte: autoras e Wolfram Mathematica

Assim, o seguinte tweet teve grande engajamento (com 345 retweets, 51 comentários e 867 likes): “Nesse dia 8 de março, aproveito para fazer uma thread sobre escritoras incríveis da literatura brasileira (...) Na foto, Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector #leiamulheres”¹¹. A hashtag #LeiaMulheres refere-se a um clube de leitura criado em 2015, por Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michele Henriques, com o objetivo de realizar encontros para ler e conversar sobre obras escritas por mulheres. A mediação do clube é realizada apenas por mulheres (cis e trans), mas qualquer pessoa interessada pode participar dos encontros gratuitamente.¹² O clube teve início em São Paulo e hoje é uma rede composta por 400 mediadoras distribuídas em 100 cidades do Brasil e do mundo, como em Portugal, Suíça e Alemanha. A presença de textos de Lispector nesses clubes e a articulação desses clubes de leitura com as práticas de escrita, leitura e citação no Twitter confirma e reforça o papel da autora como catalisadora de laços de irmandade sobre e entre mulheres. As citações e compartilhamento de frases sobre a vida e obra das autoras permitem o desenvolvimento, a co-construção de laços coletivos

¹¹ Link: <http://twitter.com/brunakalilother/status/1104024221657772032>

¹² O projeto foi inspirado pela campanha que a escritora e ilustradora Joanna Walsh popularizou nas redes sociais em 2014 com a hashtag #readwomen2014, um projeto que visava ampliar a leitura de literatura escrita por mulheres. Mais informações em: <https://leiamulheres.com.br/>

e identidades compartilhadas de forma que ressignificam contextos hegemônicos, masculinos e eurocêntricos.

Também aparece a hashtag #skoob/#Skoob, plataforma brasileira lançada em 2009, cujo objetivo é aproximar a comunidade de leitores e escritores, que podem se cadastrar e criar um perfil pessoal com informações sobre si mesmos, como fotografia, biografia e interesses literários. A Skoob possui conexão com a API do Twitter, o que permite automatizar o processo de compartilhamento das atividades literárias em forma de tweet. O seguinte tweet: “já li “Clarice Lispector Todos Os Contos” #skoob”¹³ é um exemplo disso. Assim, quando o usuário da Skoob faz uma alteração na sua “estante virtual” (espaço dedicado a catalogar os livros que já leu, está lendo ou planeja ler), caso ative essa funcionalidade, uma publicação sobre sua atividade é automaticamente compartilhada na plataforma do Twitter. O que isso evidencia é um processo de plataformização da leitura de Lispector, para além do livro físico: as plataformas como Twitter e Skoob permitem divulgar, acessar e registrar a leitura entre públicos diversos e, de alguma maneira, informam os modos de ler a obra da autora.

A figura 3 mostra as hashtags mais frequentes em tweets sobre Alejandra Pizarnik. Dentre elas, #8M e #8MarzoLiterario, impulsionadas em 2020 pelo perfil literário @Literlandweb1, dedicado à divulgação de obras, escritores e escritoras, o qual também criou em 2019 o #8MLiterario, com o objetivo de conferir um lugar de protagonismo às mulheres escritoras latino-americanas, em ocasião do Dia Internacional da Mulher. Essas iniciativas promovem a leitura de escritoras mulheres, celebrando um horizonte de escrita e leitura em sororidade. Assim, o tweet formula uma estratégia de

¹³ Link: <https://twitter.com/Grobsch/status/1036232310780309504>



criação de comunidades através da citação, menção e compartilhamento de imagens e textos:

Os invitamos a crear un hilo a partir de este tuit en homenaje a las mujeres escritoras. Será nuestra pequeña contribución al #8M. Basta con incluir el nombre de una autora que queráis destacar junto a su imagen o una cita de sus obras. Emplearemos el *hashtag* #8MLiterario.¹⁴

A postagem, do dia 7 de março de 2019, aparece acompanhada por uma imagem que agrupa 30 imagens de mulheres escritoras, muitas hispano-falantes, que inspiraram, e continuam inspirando, leituras e escritas feministas. Nela, solicita-se que, além da hashtag, os usuários incluam nas suas postagens o nome da autora, sua imagem e um trecho de sua obra. Desse modo, ao acessar a hashtag, outros usuários poderão ler diversos recortes de obras femininas e, se algum fragmento lhe despertar interesse, bastará buscar (por meios digitais, ou não), o nome mencionado. Portanto, o nome associado a imagens, à hashtag e às indicações de outros usuários produzem uma estratégia discursiva que constrói identidades coletivas capazes de visibilizar e potencializar as vozes de outras mulheres escritoras da América Latina e do mundo.

A leitura dessas vozes, que foram por muito tempo silenciadas, estimula a criação de uma rede de solidariedade, formando comunidades de mulheres que encontram na literatura escrita por outras mulheres um vínculo que as aproximam umas das outras. Além disso, como afirma Schmidt em “Na literatura, mulheres que reescrevem a nação”,

os textos de autoria de mulheres levantam interrogações acerca de premissas críticas e formações canônicas, bem como tensionam as representações dominantes calcadas no discurso assimilacionista de um sujeito nacional não marcado pela diferença (66).

¹⁴ Link: <https://twitter.com/literlandweb1/status/1103737260233629698>

Assim, a literatura de mulheres transgredir os padrões estabelecidos e representados tradicionalmente por homens brancos de classe privilegiada e nos faz refletir a partir de diferentes perspectivas feministas sobre o mundo, abarcando as diferenças e nos afastando do perigo de uma história única (Adiche *O perigo de uma história única*).

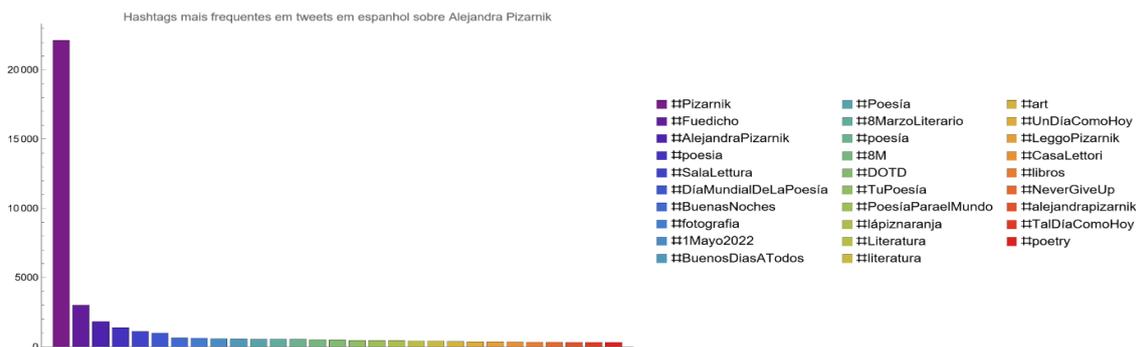


Figura 3 - Tabela com hashtags mais frequentes em tweets sobre Alejandra Pizarnik em espanhol. Fonte: autoras e Wolfram Mathematica

3. Comunidades, públicos e contrapúblicos e a potência de Alejandra Pizarnik e Clarice Lispector no Twitter

A figura 4 mostra os usuários mais mencionados em tweets que referenciam Clarice Lispector. Nela aparece o modo como citações de e referências a Lispector no Twitter vêm mobilizando sentidos políticos nos últimos anos. O nome de usuário mais frequente foi o @danielamercury, com mais de 1.500 menções, em um tweet com a foto de Daniela Mercury, cantora baiana e embaixadora da UNICEF no Brasil desde 1995, “fazendo o L” com a mão, em uma referência à candidatura do presidente Lula, que circulou amplamente em período próximo às eleições de 2022, no qual é citado um trecho do livro *Um sopro de vida*, de Clarice Lispector: “Doidice deliciosa escrever 13 em número e não em palavras.” (Clarice Lispector) @danielamercury ✨🌟#LulaNo1ºTurno”¹⁵. A citação aponta a uma subversão, proposital, por parte de Lispector, das regras dos manuais de revisão textual

¹⁵ Link: <https://twitter.com/banzeirosrainha/status/1574193063332749313>

que prescrevem a escrita de números por extenso, expressando o prazer dessa transgressão, como “deliciosa”. No contexto do ativismo político no marco das eleições no Brasil, no entanto, a citação é mobilizada como uma forma de apoio à candidatura do presidente Lula, como aparece claramente na emoji da estrela e na hashtag #LulaNo1ºTurno. Nesse caso, a “doídice deliciosa” aponta à resistência, à esperança da liberação e à mobilização política. Em outras ocasiões, trechos da obra de Lispector são citados junto do nome de usuária da cantora e uma foto dela junto da sua esposa para defender a causa LGBTQIA+, tendo em vista que Mercury é um grande ícone que tem sido uma voz ativa na promoção da igualdade e dos direitos da comunidade LGBTQIA+.¹⁶

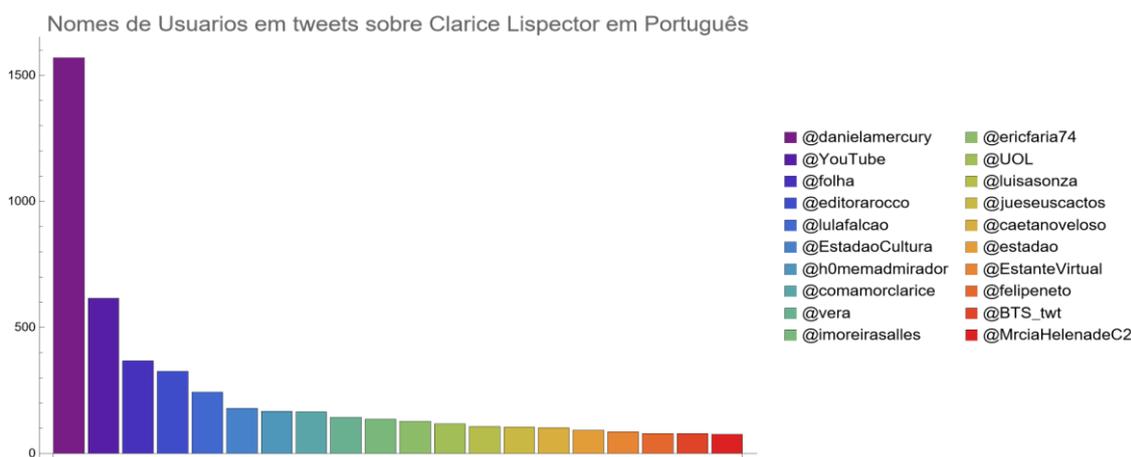


Figura 4 - Tabela com nomes de usuários mais frequentes em tweets sobre Clarice Lispector em português. Fonte: autoras e Wolfram Mathematica

Outros nomes de usuários importantes são @imoreirasalles, do Instituto Moreira Salles (IMS)¹⁷. Em comemoração ao centenário de Clarice Lispector, o IMS lançou um novo site com itens do acervo da autora, iniciativa que foi amplamente divulgada no Twitter. Esse tipo de ação revela o modo pelo qual as instituições de acervo fazem uso das plataformas digitais como

¹⁶ Link: <https://twitter.com/banzeirosrainha/status/1565028529586192389>

¹⁷ O IMS preserva o acervo de Clarice que, além de biblioteca, contém manuscritos e datiloscritos, correspondências, cadernos e quadros pintados pela autora.



o Twitter para aumentar a circulação e o compartilhamento das suas iniciativas, pela qual era uma aliada das necessidades institucionais.

A presença na tabela do usuário @editorarocco tem relação com a comemoração dos aniversários da autora, a divulgação do lançamento de novas edições das obras e a realização de ações para promover a leitura de suas obras, apontando para o uso estratégico que as editoras comerciais realizam das plataformas, como Twitter e Instagram, como comunidades de leitura. No tweet a seguir, publicado no dia 9 de dezembro de 2022, a editora divulga uma ação performativa desenvolvida no Rio de Janeiro para promover a leitura e divulgação dos livros da autora. Essa ação performativa urbana aponta para a relação histórica de profunda imbricação da escritora com a cidade do Rio de Janeiro (*Monteiro À Procura Da Própria Coisa*).

Amanhã, dia 10 de dezembro, Clarice Lispector faria 102 anos. Para comemorar, vamos esconder alguns livros dela pela cidade do Rio de Janeiro! Fiquem ligados em nossos stories do Instagram (@editorarocco) durante esse sábado!¹⁸.

A figura 5 mostra os nomes de usuários mais frequentes em tweets sobre Alejandra Pizarnik. Alguns dos perfis públicos que aparecem são italianos, como @SalaLettura e @CasaLettori, que promovem espaços de divulgação de literatura, arte e cultura e nos quais a obra de Pizarnik encontra ampla divulgação, muitas vezes com citações em espanhol. O @SalaLettura, inclusive, desenvolveu uma hashtag própria: #SalaLettura, que aparece como uma das mais utilizadas associadas ao nome de Pizarnik. Outro perfil relevante é o @LumenEdit, perfil oficial da editora Lumen, que publicou as obras completas da escritora, poesia e prosa, bem como os diários e cartas. Assim, vemos que formas novas da leitura online e plataformizada, de indivíduos e perfis ligados à leitura, se conectam de modo orgânico com formas tradicionais da leitura, através do mercado literário e de editoras

¹⁸ Link: <https://twitter.com/editorarocco/status/1601298270588137472>

comerciais, as quais usam estrategicamente as plataformas para divulgar os textos e aumentar as vendas.

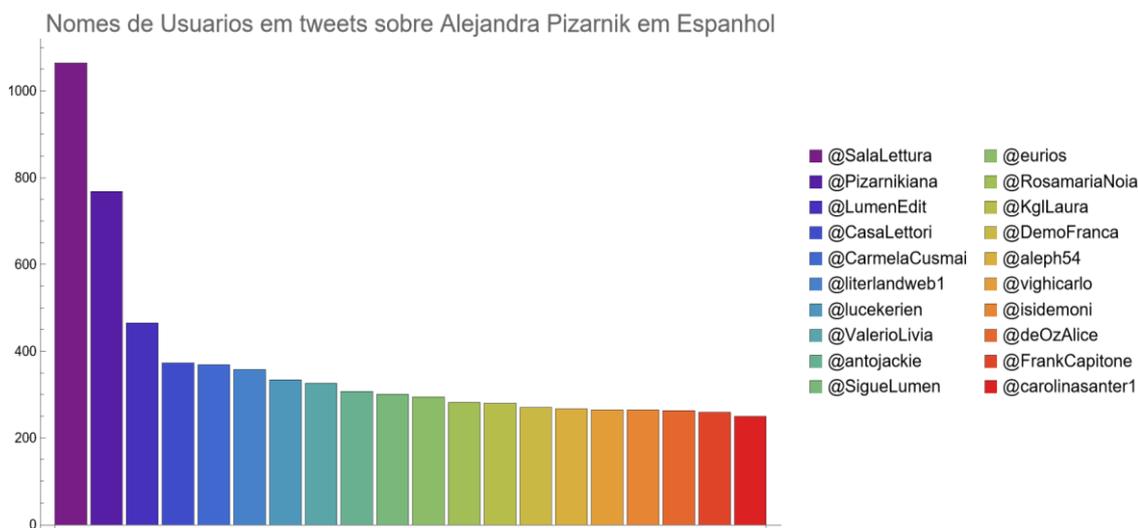


Figura 5 - Tabela com nomes de usuários mais frequentes em tweets sobre Alejandra Pizarnik em espanhol. Fonte: autoras e Wolfram Mathematica

Outro perfil que aparece é @literlandweb1, conta mencionada anteriormente de divulgação de obras literárias, assim como escritoras e escritoras, e incentivo à leitura. As postagens desse perfil seguem uma fórmula que consiste sempre em uma citação, junto de uma imagem ou vídeo, em sua maioria em preto e branco, de alguma maneira conectado com o fragmento escolhido. Um exemplo é o seguinte tweet: “Imposible la plena comunicación humana. Los otros siempre nos aceptan mutilados, jamás con la totalidad de nuestros vicios y virtudes...”¹⁹ A citação, provinda dos Diários de Pizarnik (Pizarnik *Diarios* 152), aparece junto com uma fotografia em preto e branco de uma pessoa segurando um espelho na altura do busto ao rosto e refletindo um vazio. Desse modo, tanto o texto quanto a imagem transmitem o sentido de um eu desconhecido, em processo, incompleto, que subverte toda ideia de univocidade ou unidade subjetiva, um sujeito mutilado que não

¹⁹ Link: <https://twitter.com/literlandweb1/status/1398318120243183628>

é capaz de estabelecer uma comunicação plena consigo mesmo nem com os outros, e ainda assim, pede e precisa da aceitação dos outros. Trata-se da união com o outro que não pressupõe completude nem entendimento absoluto, mas encontro dentro da imperfeição, dentro da falta e do inacabamento.

Outro perfil muito relevante é o @Pizarnikiana, cujo objetivo é manter viva a memória da escritora, trazendo sua presença aos dias atuais: é a segunda conta que mais produz publicações citando a autora. Como uma sorte de encarnação da própria Alejandra Pizarnik, o perfil carrega seu nome e, como descrição, coloca uma citação de seus diários: “Soy un signo de interrogación rodeado de ojos y de fuego. Siento envidia del lector aún no nacido que leerá mis poemas. Yo ya no estaré.”²⁰ A descrição do perfil novamente aponta para uma subjetividade desconhecida, incompleta e estabelece um laço genealógico, uma sorte de legado que conecta as comunidades atuais de jovens leitores e leitoras e a existência física e histórica dela. Os tweets citados por esse perfil transmitem as tensões presentes na obra de Pizarnik, entre o desejo de solidão e de conexão com o outro, o público e o privado, o subjetivo e o genealógico, o passado e o futuro. Desse modo, os tweets conectam a obra de Pizarnik com as preocupações das gerações atuais sobre a subjetividade, a necessidade de afeto, as formas do desejo e de solidão.

4. O sujeito inacabado: análise temática para práticas discursivas de Pizarnik e Lispector no Twitter

As figuras 6 e 7 mostram os termos mais frequentes em tweets sobre Lispector em português e sobre Pizarnik em espanhol. Há semelhanças nos termos mais frequentes sobre as duas autoras: além de palavras que remetem

²⁰ Link: <https://twitter.com/Pizarnikiana>

eu (sobretudo o eu das mulheres e pessoas LGBTQIA+): entre uma subjetividade dona de si mesma, silenciosa, em controle, cautelosa, calma, perfeita, “serena y objetiva” e uma que transgride esses limites, em que a emoção e o desejo amoroso transbordam e subvertem a cautela e a perfeição. Essas citações constroem irmandades afetivas, *dororidades*, gerando identificação com a palavra de uma subjetividade tensionada entre o desejo, o prazer e as normas sociais sobre a “performance correta” em relação ao desejo feminino: uma performance excessiva, sem controle, convulsionada, atravessada pela paixão. É importante apontar para a subjetividade heteronormativa como “dona de si mesma”, associada às regras patriarcais do capitalismo moderno, que aponta à *dueñidad* como pedagogia da crueldade (Segato “Radicalmente Feministas 3”). O que a postagem gera é uma performance afetiva, empática, que transgride a lógica da *dueñidad* e libera o sujeito para a possibilidade de experimentar seu desejo, de sentir e de ser afetado.

É interessante observar que alguns tweets recortam, editam ou inclusive criam citações de Alejandra Pizarnik e Clarice Lispector, adicionando ou modificando os sentidos presentes nas obras dela. Um exemplo disso é uma postagem, acompanhada de uma imagem de uma pessoa saltando de uma montanha a outra, com uma citação editada de Pizarnik “Hay que luchar todos los días. Porque la vida contiene días, muchos días, y nada se conquista definitivamente”²² e as hashtags #FelizSemana #FelizMartes, #beyourself, #NeverGiveUP #Believe. É interessante observar que algumas frases são apagadas do fragmento original:

Hay que luchar todos los días, como Sísifo. Esto es lo que no comprendo. Que la vida contiene días, muchos días, y nada se conquista definitivamente. Por todo hay que luchar siempre y siempre. Hasta por lo que ya tenemos y creemos seguro. No hay treguas. No hay la paz (Pizarnik *Diarios* 204).

²² Link: https://twitter.com/s_msonia/status/1480787303270391813

A operação de edição do fragmento e a justaposição com as *hashtags* constrói novos sentidos: por um lado, a omissão da referência a Sísifo, própria do mundo letrado, amplia o público para além do letrado e suaviza a carga trágica do mito, no qual o herói é castigado eternamente. Também são apagadas as frases referidas à falta de compreensão e de paz, à luta constante inclusive por aquilo que se achava seguro. Embora o tweet conserve a ideia do impermanente e da luta diária, o efeito final é atenuado. Ainda, a incorporação das *hashtags* #Believe, #NeverGiveUp e #Beyourself parecem apontar a um ideal de sucesso, de indivíduos que nunca devem se dar por vencidos, para triunfar em um mundo capitalista moderno. No fragmento original, Pizarnik relata sua luta diária pela saúde mental, seu sofrimento profundo diante da compulsão alimentar e o sentimento de culpa que alimentavam sua depressão (Pizarnik *Diarios* 204). Enquanto a palavra da poetisa se adentra no sofrimento, na dor e na luta constante diante da doença mental, a postagem no Twitter ressignifica, suaviza as dificuldades, a dor e a perda, e simplifica os sentidos, deixando só aquilo que aponta a um possível sucesso através do “ser eu mesmo”. Dessa forma, incorpora uma lógica do sucesso que não aparece na palavra de Pizarnik, a qual enfatiza o sofrimento e a incompletude.

Entre as palavras mais frequentes sobre Lispector, aparece “livro”, presente em uma publicação que reflete sobre a diferença de recepção entre livros escritos por mulheres brancas e mulheres negras. A postagem questiona a ideia de que a literatura escrita por mulheres brancas teria um caráter universal, enquanto a literatura escrita por mulheres negras teria um caráter restrito à comunidade de mulheres negras. Coloca lado a lado os nomes de Clarice Lispector e Conceição Evaristo para acionar debates em relação ao racismo que persiste em nossa sociedade, obtendo um grande alcance, com 2.143 retweets, 93 comentários e 9.422 likes:

Uma amiga branca me disse que nunca havia lido Conceição Evaristo porque pensava que eram livros escritos só para mulheres negras. É aí que mora o problema. Ninguém diz que a escrita de Clarice Lispector é só para mulheres brancas, por ex. A arte, quando branca, é universal.²³

Outro dos termos da nuvem é “mulheres”. Um exemplo destacado é a postagem do jornalista Reinaldo Azevedo que faz uma crítica ao jurista Sérgio Moro, que no momento participava de um debate ao vivo na *Band* com Desiree Salgado, ambos candidatos ao Senado pelo estado do Paraná. Na ocasião, o jornalista evoca um trecho de *Água Viva* (1973), de Clarice Lispector, que aparece no segundo parágrafo do livro: “Cada coisa tem um instante em que ela é. Quero apossar-me do é da coisa” (Lispector *Água Viva* 9). O “é da coisa” é uma categoria recorrente nos textos de Clarice, que consiste na anulação do indivíduo e a entrada em contato com a alteridade radical do outro (Franco Junior “Clarice Lispector e a poética da coisa” 10). Na postagem, o jornalista utiliza esse termo para dizer que Desiree Salgado, por ser uma mulher, conseguiria ter uma percepção mais acurada da sociedade brasileira, enquanto Moro, por ser um homem mimado, não conseguiria ter essa percepção. A publicação, de 19 de setembro de 2022, movimentou 3.595 retweets, 560 comentários e 26.574 likes:

Moro, com seu conhecido estilo “mamãe, sujaram meu shortinho”, resolveu tirar onda com Desiree Salgado, candidata ao Senado pelo PDT do Paraná. Levou uma esculhambada épica. Sempre as mulheres dizendo onde está “o é da coisa”, expressão da mulher Clarice Lispector.²⁴

Embora a postagem evidencie uma certa reificação do feminino, como se as mulheres fossem caracterizadas por uma sorte de essência comum, também reivindica o lugar das mulheres como autoras privilegiadas na política.

²³ Link: <http://twitter.com/yasminsmmp/status/1125048277991399424>

²⁴ Link: <http://twitter.com/reinaldoazevedo/status/1571911487987261441>

Uma postagem significativa diz respeito à palavra “sentir”, que cita uma fala que Clarice preferiu em uma entrevista concedida à TV Cultura em 1977, a qual evidencia a sorte de troca afetiva que a autora almeja ter com o leitor: “suponho que me entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato... ou toca, ou não toca. - clarice lispector.”²⁵ Essas citações mostram quanto as práticas de leitura digital de Pizarnik e Lispector estabelecem alianças e criam arquivos de performances afetivas, em que as palavras afetam aos outros, unem, permitem explorações subjetivas e são mobilizadas em relação com questões políticas, como formas de resistência e ativismo político. Funcionam afetando, tocando os outros em nível emocional, e não puramente intelectual: é nessa dimensão, como performances afetivas, que propõem explorações profundas da subjetividade, constituem comunidades de leitura feminista e são mobilizadas com sentidos políticos.

Conclusão

No presente artigo analisamos práticas tecnodiscursivas em relação com Lispector e Pizarnik no Twitter entre 2018 e 2022, como arquivos digitais afetivos e performances feministas, e concluímos que funcionam de três modos fundamentais que aparecem de maneiras diferentes, mas igualmente significativas nas práticas digitais sobre as autoras. Em primeiro lugar, estabelecem uma comunidade feminista, uma sororidade ou dororidade, que conecta mulheres diversas, no passado e no presente, de diferentes espaços, origens sociais, étnico-raciais, orientações sexuais, traçando uma genealogia e um espaço de encontro, debate e polêmica entre comunidades leitoras, sororidades ou dororidades. Em segundo lugar, as práticas digitais são performances de uma subjetividade inacabada, mutilada e em processo: ao

²⁵ Link: <http://twitter.com/bilhetesdoamor/status/1174733483538898945>



nomear a dor, o desejo e o prazer, as práticas discursivas funcionam de modo terapêutico, não cristalizando as subjetividades em sentidos unívocos, mas reconhecendo e se deixando atingir pela palavra da outra, e transformando o próprio eu nesse reconhecimento. Em terceiro lugar, as práticas discursivas digitais mobilizam formas de resistência política, partindo da repolitização do íntimo e visibilizando transformações na sexualidade, canalizando desejos não heteronormativos, múltiplos. Dessa forma, as práticas discursivas funcionam como acervos afetivos e performances que repolitizam o cotidiano e estabelecem laços entre os feminismos passados e os atuais.

Bibliografía

Adiche, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

Ahmed, Sara. *The Cultural Politics of Emotion*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

---. *Vivir una vida feminista*. Manresa: Bellaterra, 2018.

Bailey, Moya. “#transform(ing)DH Writing and Research: An Autoethnography of Digital Humanities and Feminist Ethics”. *Digital Humanities Quarterly*. 9. 2 (2015). En línea.

Benjamin, Ruha. *Race After Technology: Abolitionist Tools for the New Jim Code*. New York: Polity Press, 2019.

Brock, André. *Distributed Blackness. African American Cybercultures*. New York: New York University Press, 2020.

Chartier, Roger. “Novas tecnologias e a história da cultura escrita. Obra, leitura, memória e apagamento”. *Leitura: Teoria & Prática* 35. 71 (2017): 17-29. En línea.

Deusdará, Bruno; Arantes, Paula Coeli Costa; Eduardo, Luiz Felipe. “A ação pela palavra em notícias de telejornal: abordagem discursiva dos



performativos em (com)texto intersemiótico”. *Calidoscópio* 14. 2 (2016): 245-256. En línea.

D’Ignazio, Catherine; Klein, Lauren. *Data Feminism*. Cambridge: MIT Press, 2020.

Franco Junior, Arnaldo. “Clarice Lispector e a poética da coisa”. *Revista FronteiraZ*. 23 (2019): 4-23. En línea.

Freelon, Deen; Mcilwain, Charlton D.; Clark, Meredith. *Beyond the hashtags: #Ferguson, #Blacklivesmatter, and the online struggle for offline justice*. Massachusetts: CMSI, 2016. En línea.

Friedman, Elisabeth Jay. *Interpreting the Internet: Feminist and Queer Counterpublics in Latin America*. Los Angeles: University of California Press, 2017.

Fuentes, Marcela. “Ni una Menos. Hashtag Performativity, Memory and Direct Action against Gender Violence in Argentina”. Ed. Ayse Gul Altinay et al. *Women mobilizing memory*. New York: Columbia University Press, 2019.

Horzella, Heidi Fritz. “Imagined Sisterhoods: The impact of reading about significant women on the construction of feminist subjectivities on British women schoolteachers”. *Women's Studies International Forum*. 79 (2020). En línea.

Josiewicz, Alejandra. “Humanidades Digitais e Leitura no Twitter: ‘Um placebo sanador em tempos de covid-19’”. *Estudos Históricos*. 34. 73 (2021a): 343-366. En línea.

---. “Eva Perón e Jorge Luis Borges, peronismo e anti-peronismo em tempos de pandemia: polifonia e interdiscursividade em tecnoculturas digitais”. *Matraga* 28. 53 (2021b): 298-313. En línea.

---. “Naming Performativity on Twitter: Antiracist Feminist Counterpublics in Brazil”. *Aletria*. 31. 4 (2021c): 209-237. En línea.

Jules, Bergis; Summers, Ed; Mitchell, Vernon. *Ethical Considerations for Archiving Social Media Content Generated by Contemporary Social Movements: Challenges, Opportunities and Recommendations*. 2018. En línea.

Liljeström, Marianne; Paasonen, Susanna (Eds.). *Working with Affect in Feminist Readings: Disturbing Differences*. London: Routledge, 2010.



Lispector, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Loureiro, Ángel G. *El gran desafío: feminismos, autobiografía y postmodernidad*. Madrid: Megazul-Endymion, 1994.

Lourenço Costa, Julia; Baronas, Roberto Leiser (Orgs.). *Feminismos em convergências: discurso, internet e política*. Coimbra: Grácio Editor, 2020.

Méndez, Mariela. “Operación Araña: reflections on how a performative intervention in Buenos Aires’s subway system can help rethink feminist activism”. *Estudios Históricos*. 33. 70 (2020): 280-297. En línea.

Milan, Stefania et al. “Datafication from Below: Epistemology, Ambivalences, Challenges. Crossing Boundaries”. *Tecnoscienza: Italian Journal of Science and Technology Studies* 10. 1 (2019): 89-113. En línea.

Molloy, Sylvia. “Identidades Textuales femeninas: estrategias de autofiguración”. *Mora*, Buenos Aires, 12 (2006): 68-86. En línea.

Montero, Teresa. *À Procura Da Própria Coisa: uma Biografia De Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

Olave, María Angélica Thumala. “Reading matters: Towards a cultural sociology of reading”. *American Journal of Cultural Sociology* 6 (2018): 417-454. En línea.

Paasonen, Susanna. “Strange bedfellows: Pornography, affect and feminist reading”. *Feminist Theory* 8. 1 (2007): 43-57. En línea.

Pedwell, Carolyn; Whitehead, Anne. “Affecting feminism: Questions of feeling in feminist theory”. *Feminist Theory*, 13. 2 (2012): 115-129. En línea.

Piedade, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Ed. Nós, 2020.

Pizarnik, Alejandra. *Diarios*. Barcelona: Lumen, 2016.

Ricaurte, Paola. “Data Epistemologies, The Coloniality of Power, and Resistance”. *Television & New Media* 20. 4 (2019): 350-365. En línea.

Ricaurte, Paola; Chaudhuri, Sakuanta; Fiormonte, Domenico. *Global Debates in the Digital Humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2022.



Ricaurte, Paola; Zasso, Mariel (Eds.). *Inteligencia Artificial Feminista: Hacia una agenda de investigación en America Latina y el Caribe*. Costa Rica: Editorial Tecnológica de Costa Rica, 2022.

Risam, Roopika. *New Digital Worlds: Postcolonial Digital Humanities in Theory, Praxis and Pedagogy*. Illinois: Northwestern University Press, 2018.

Rocha, Décio. “Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade”. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, 14. 3 (2014): 619-632. En línea.

Schmidt, Rita Terezinha. “Na literatura, mulheres que reescrevem a nação”. Org. Heloisa Buarque de Hollanda. *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. 65-79.

Sedgwick, Eve Kosofsky. *Touching Feeling: Affect, Pedagogy, Performativity*. Durham, NC: Duke University Press, 2003.

Segato, Rita. “Radicalmente Feministas 3. Nuevas guerras contra los cuerpos de las mujeres. Rita L. Segato”. *Sicom TV. Solidaritat i Comunicació*, 07/09/2016. En línea.

Stevani Gisletti, María Vanesa; Montero, Claudia. “El octubre chileno: voces y luchas feministas”. *Descentrada* 4. 1 (2020): e111. En línea.

Summers, Ed. “Introducing Documenting the Now”. MITH, 17/02/2016. En línea: <https://mith.umd.edu/news/introducing-documenting-the-now/>. Fecha de acceso: 29/03/2021.

Van Dijck, José. *The culture of connectivity. A critical history of social media*. Oxford: Oxford University Press, 2013.